

1888

# O BOMBEIRO PORTUGUEZ

FOLHA QUINZENAL

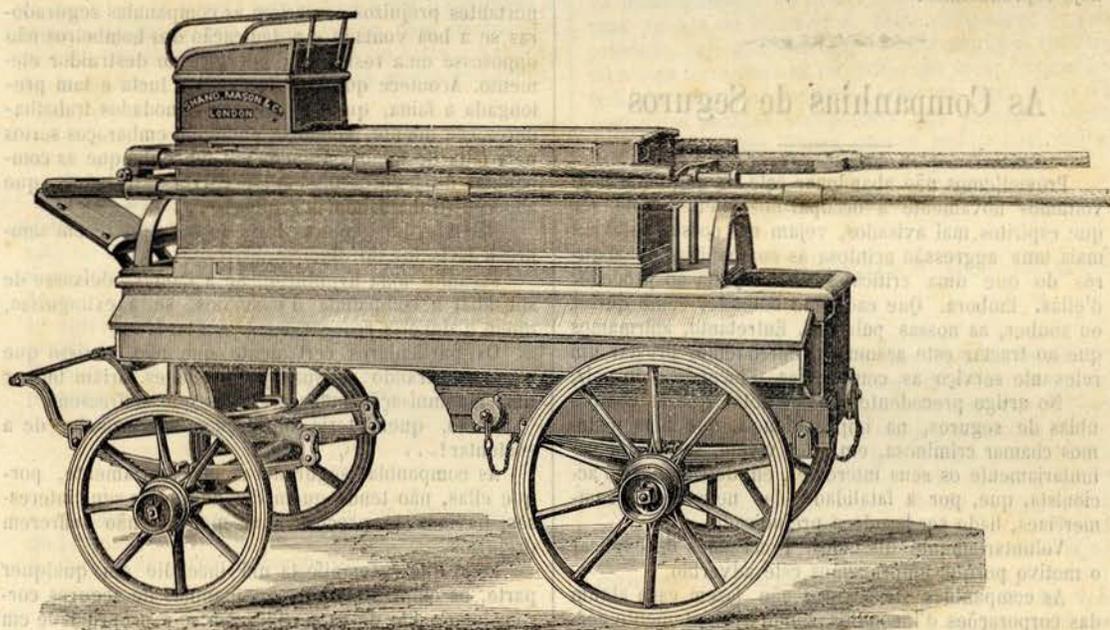
4.º ANNO	PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO) (REINO)		PORTO—15 DE OUTUBRO DE 1880	PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO) (ESTRANGEIRO)		N.º 11
	Trimestre.....	350 réis		Trimestre.....	600 réis	
	Semestre.....	700		Semestre.....	1.200	
	Anno.....	1.400		Anno.....	2.400	
			ESCRITORIO — FERNANDES THOMAZ, 138			

## BOMBA RURAL

Não é esta a primeira vez que damos publicidade a appparelhos fabricados pelos srs. Shand, Mason & C.<sup>a</sup> de Londres; porém, ha já bastante tempo, que, por causas imprevistas e estranhas á nossa vontade, não temos a satisfação de podermos tornar conhecidos dos nossos leitores alguns dos muitos excellentes appparelhos que são construidos por tão acreditados fabricantes. Felizmente que hoje podemos publicar uma

vinheta, representando a bomba para incendios, que é geralmente adoptada na Inglaterra nos districtos ruraes e da qual são auctores os bem conhecidos fabricantes a que acima alludimos.

Não só esta machina manual, mas igualmente todas as que são construidas na fabrica de Shand Mason & C.<sup>a</sup>, são o resultado de experiencias practicas obtidas, tanto por elles, como pelos seus antecessores, Phillips, Hopwood e Tilley, desde 1774 até hoje. A superioridade d'esses appparelhos é confirmada pela muita extracção que teem, não só n'aquelle paiz, como em



muitos outros, bem como pela numerosa quantidade de medalhas que teem conquistado nas exposições a que concorreram.

Uma das circumstancias a que sempre miraram, e não pouco importante, por certo, foi a simplicidade de construcção.

Além d'isso, a facilidade e promptidão com que as suas bombas podem entrar em acção, ainda que em circumstancias difficeis e fazendo-se uso de agua lamacenta e arenosa, são qualidades que muito contribuíram para acreditar os seus auctores.

Para corroborarmos de uma maneira irrefutavel o que acabamos de dizer em abono d'estes fabricantes, bastará saber-se que só a brigada de bombeiros de

Londres possui setenta e seis das suas bombas manuaes.

Ora, todas as boas qualidades que acabamos de enumerar, acham-se reunidas na bomba representada pela nossa gravura de hoje. Como indica a epigraphe d'este artigo, é esta bomba destinada ao campo, aonde as distancias a percorrer são grandes e os caminhos maus. Além dos varaes para poder ser tirada por um cavallo, tem tambem uma lança supplementar com cruzeta, para ser puxada por homens.

Entre os varaes da picota ha uma ampla caixa para mangueiras, tanque, machados, serrote, etc., e sobre esta a almofada do cocheiro. De cada lado da caldeira ou reservatorio da agua, porque estas bombas tam-

bem são de compressão, ha duas caixas para transporte dos tubos aspiradores, croques, etc. O ramal de aspiração está situado na parte posterior: e o de saída, na parte lateral da esquerda entre as rodas. Tanto um como o outro tem uma capsula de metal que serve de resguardo.

São tres os tamanhos em que são fabricadas estas bombas, a saber: para serem manobradas por 26, 22 e 16 homens. O jacto das primeiras alcançam 57 metros d'altura; das segundas, 36; e das terceiras, 33. A excepção dos varaes das bombas para 16 homens, todos os demais dobram interiormente, como mostra a vinheta.

Apezar das muitas vantagens d'esta bomba, entre as quaes sobresaem a modicidade de preço e pequeno volume, não pode ella substituir nas cidades em igualdade de circumstancias a bomba manual aperfeiçoada da brigada de bombeiros de Londres; porém para a provincia, não nos parece que possa ser substituída com vantagem em vista das razões que temos expellido.

Por consequencia avisadamente andariam as companhias que estão em via de organização na provincia, se fizessem aquisição da machina, cujo modelo hoje reproduzimos.

## As Companhias de Seguros

Prometemos não abandonar este assumpto, e hoje voltamos novamente a occupar-nos d'elle. Póde ser que espiritos mal avisados, vejam nas nossas palavras mais uma aggressão acintosa ás companhias de seguros do que uma critica serena e justa ao proceder d'ellas. Embora. Que cada um entenda, como quizer ou souber, as nossas palavras. Entretanto, affirmamos que ao tractar este assumpto, entendemos prestar um relevante serviço ás companhias d'incendios do paiz.

No artigo precedente fizemos notar que as companhias de seguros, na imprevidencia, que bem podemos chamar criminosa, em que vivem, sacrificam voluntariamente os seus interesses, em detrimento do accionista, que, por a fatalidade das negociações commerciaes, hade ser lesado e prejudicado.

Voluntariamente dissemos. Precisamos de explicar o motivo porque empregamos este adverbio.

As companhias de seguros não fazem caso algum das corporações d'incendios, sendo evidentemente certo que estas são as defensoras dos interesses d'aquellas. Ora, não tratando as companhias de seguros de, pelos meios faceis de que podem dispôr, proteger as instituições que cuidadosamente velam pelos seus interesses, é claro que voluntariamente os sacrificam!

Isto é claro, clarissimo, tornando-se indispensavel addusir argumentos que reforcem este.

Nós temos que na cidade da Bahia, imperio do Brazil, o serviço de incendios é exclusivamente subsidiado pelas companhias de seguros; o municipio não faz com elle despeza alguma.

Ahi temos nós confirmado tudo quanto hemos dito. Pois quem é mais directamente beneficiado por occação d'um incendio?... O inquilino?... Não, esse escapa-se sempre de modo a fugir ao perigo. Os haveres d'elle?... Também não, porque esses, em grande parte dos casos, estão no seguro.

*Estão no seguro*—aqui está o beneficiado—o seguro—; é elle que o bombeiro protege, trabalhando activamente para que o fogo não cause prejuizos maiores.

E o seguro, olha soberanamente para o bombeiro, como se este socialmente fallando, não representasse coisa alguma.

Nós certamente que não pedimos para o municipio deixar de manter a corporação d'incendios; mas desejavamos, e com muitissimo fundamento, que as Companhias Seguradoras não deixassem tudo, a respeito do serviço de fogos, a cargo da Camara.

Ora, francamente:—Não podiam as companhias adquirir uma machina que sobrelevasse em vantagens ás que se adoptassem, e offerecel-a á companhia de bombeiros, por intervenção da municipalidade?... Não poderia estimular o brio do bombeiro, offerecendo um premio pecuniario ou uma distincção qualquer, ao bombeiro mais valente e arrojado?...

Se uma companhia de seguros não póde realizar nada d'isto, está perdida, morta. Se póde, e não quer, lava um certificado de ingratidão, deixando, sem recompensa, quem corre a defendel-a com risco da propria vida.

Temos presenciado incendios enormes, os quaes importantes prejuizos causariam ás companhias seguradoras se a boa vontade e a dedicação dos bombeiros não opposesse uma resistencia energica ao destruidor elemento. Acontece que tam acceza é a lucta e tam prolongada a faina, que um d'esses denodados trabalhadores cae doente, vendo-se então em embaraços serios pela falta de meios. Alguem viu ou soube que as companhias de seguros fossem soccorrer esse infeliz, que adoeceu, trabalhando por ellas?...

Não viu, não, que as boas acções apparecem sempre á farta luz do dia.

Façamos uma hypothese. Se a Camara deixasse de subsidiar a companhia d'incendios, se a extinguisse, quem a deveria reorganisar e montar?...

Os particulares certamente que não, porisso que elles, segurando as suas propriedades, iriam buscar uma indemnisação pelos prejuizos que soffressem.

Então, quem teria obrigação, necessidade, de a sustentar?...

As companhias seguradoras necessariamente, porque ellas, não tendo quem defendesse os seus interesses, haviam de procurar um meio de não soffrerem prejuizos.

Logo que se manifesta um incendio em qualquer parte, os empregados das companhias de seguros correm logo a fim de se certificarem se a propriedade em chammas se acha segura na Companhia a que pertencem. Que significa isto?... Que vae fazer o empregado, se não ver o estado do predio e inteirar-se dos pormenores que podem elucidar a companhia?...

E quando o incendio é enorme, não se diz immediatamente—que grande perda para a companhia tal. Os accionistas ficam um semestre ou um anno sem dividendo.

Que significa isto?...

Temos ou não motivos mais que sufficientes para extranhar o nenhum caso que as companhias de seguros fazem das corporações d'incendios?... Temos com certeza, pelas razões expostas e pelo que exporemos no proximo numero.

Continuaremos, peze a quem pezar.

## Bombeiros Voluntarios de Lisboa

Como é sabido, os bombeiros voluntarios de Lisboa prestaram no incendio do palacio do visconde de Ouguella relevantes serviços. É do nosso dever, pois, citar os nomes dos seguintes que mais se fizeram notar: João Nunes, João Jaunsey, Alfredo da Cruz, Simão Cohen, Ricardo Lambert, Bernardino José Ennes, Garland, Eduardo Pires Lopes, Creswell, José Cardoso, Antonio Sampaio Junior, Peters de Carvalho, Cosmelli e Simões Carneiro, tendo o primeiro tomado a direcção do trabalho.

## Bombeiros Municipaes de Lisboa

Os fundadores da Associação dos Bombeiros Municipaes de Lisboa, concordaram em promover um subscrição publica, a fim de accrescentar o fundo legado pelo pai do sr. Rosa Araujo, actual presidente da camara municipal da mesma cidade. Esse fundo é destinado a crear rendimento que possa servir para estabelecer pensões aos bombeiros inutilizados no serviço publico, ou ás viúvas e orphãos, no caso de morte d'aquelles.

O sr. Rodrigues Camara, vereador do pelouro de Lisboa propóz que na acta da camara se lançasse um voto de louvor ao corpo de bombeiros pela coragem e abnegação com que trabalharam no incendio do palacio do sr. visconde de Ouguella. Teceu tambem louvores ao pessoal das calçadas que ali trabalhou, para quem propóz o pagamento das duas horas que deixou de trabalhar nas calçadas, além da gratificação que lhe pertencer pelo pelouro dos incendios.

A camara de Lisboa approvou em sua sessão de 4 do corrente o projecto de estatutos do monte pio de S. Carlos, do corpo de bombeiros de Lisboa.

Como noticiamos no nosso ultimo numero os congressistas, testemunhas do pavoroso incendio do palacio de Barcellinhos promoveram entre si uma subscrição para socorrerem os bombeiros feridos n'aquella catastrophe. O vereador sr. dr. Alves fez entrega em sessão municipal de 4 do corrente da quantia de 68\$000 reis que recebera de um dos membros do congresso anthropologico, mr. Emile Cartailac. Por esta occasião o sr. Rodrigues Camara propóz que na acta se lançasse um voto de agradecimento a todos os congressistas, não pela quantia, mas pela delicada lembrança.

Foi encarregado o sr. inspector geral dos incendios da distribuição d'aquelle donativo.

São sobremodo lisongeiras para a corporação dos bombeiros as cartas dos illustres hospedes que acompanhavam aquelles donativos.

Os bombeiros que trabalharam no incendio do Hotel Gibraltar receberam as seguintes gratificações: os que trabalharam desde o começo do fogo, isto é, no dia 29, desde a madrugada até á noite, tiveram 2\$500 reis, os que voltaram o outro dia ao trabalho tiveram 3\$800 reis, por dois dias; os que trabalharam dois dias e uma parte, ou tres dias, 4\$500 reis; os que permaneceram até ao fim, isto é, que trabalharam quatro dias e quasi tres noites, 7\$200 reis.

Emquanto ao pessoal das machinas os que estiveram no primeiro dia tiveram 1\$700 a 1\$800 reis, os que trabalharam dois dias, 2\$000 e 2\$500; os que estiveram até concluir os trabalhos, 3\$000 a 4\$000 reis.

São na verdade pequenas estas retribuições de trabalhos de tanta magnitude.

Na *Independencia Belga* depara-se com o seguinte trecho, provavelmente devido á penna d'algum dos congressistas que foram ultimamente nossos hospedes; «A municipalidade de Lisboa fez-me hontem assistir a uma revista de bombeiros. Estes defensores da propriedade, cujo auxilio é muito frequentemente reclamado n'uma terra onde os incendios são muito frequentes, tem um admiravel material. Arvoram, sem ponto d'apoio umas escadas vertiginosas que deixam dominar todas as aberturas d'uma casa e podem bem instruir legiões de bombeiros.»

## Bombeiros Voluntarios dos Olivae

A corporação dos bombeiros voluntarios dos Olivae de que é chefe o sr. Alvaro Monteiro, e que conta já 36 membros, foi no dia 7 do corrente apresentada em sessão ordinaria da camara municipal dos Olivae, e elogiada pelo modo brioso com que acudiu ao incendio do palacio Barcellinhos. Esta corporação, fundada o mez passado pelos srs. Alvaro Monteiro, Jorge Ferreira Pinto, Antonio Joaquim Passos Alves de Aguiar, João Maria Ribeiro e José Liberato dos Santos Belem, encontrou no concelho o mais lisonjeiro acolhimento e numerosas adherencias. A camara dos Olivae votou tambem que houvesse uma verba especial para auxiliar a despeza da manutenção do serviço dos bombeiros voluntarios.

Ao que nos dizem será esta verba de 1:000\$000 reis. Tem sido dedicado instructor da nascente corporação o 1.º patrão n.º 25 da companhia municipal de incendios de Lisboa.

## Bombeiros voluntarios de Belem

No dia 6 do corrente fizeram exercicio perante o sub-inspector e demais auctoridades do concelho, na

rua Direita de Bemfica, os bombeiros voluntarios de Belem, sob o commando do sr. Julio da Silva em que tomaram parte activa, os voluntarios Pereira, Santos, Marianno Foyo, Cordeiro, e outros mais, simulando-se varios ataques e salvados, em numero de doze. Depois de algum descanso o material tirado por cavallos, como havia vindo, seguiu por S. Sebastião, rua do Ouro, Aterro e recolheu à estação.

\* \* \*

Os bombeiros voluntarios de Belem tambem accudiram ao incendio do Hotel Gibraltar e não são para deixar no esquecimento os nomes dos srs.: Marianno Foyo, Julio da Silva, Santos, Laxman, Cardoso e outros, o primeiro dos quaes se viu gravemente comprometido pelo fumo que invadiu o pavilhão.

## Os bombeiros de Paris

Em Paris, o corpo de bombeiros faz parte do exercito, formando um regimento de escolha, composto de homens adestrados, intelligentes e dedicados ao serviço de incendios. Estes homens estão alojados em onze quartéis nos diferentes bairros da cidade. Distribuidos pela área da capital encontram-se mais de oitenta depositos, que se acham ligados, por grupos, com os diversos quartéis e nos quaes estão guardadas as machinas necessarias para a extinção de incendios, tendo sempre a accompanha-as o pessoal sufficiente para serem utilizadas de prompto. Ha tambem um posto central para installação do estado-maior, onde chegam todos os avisos respectivos a incendios, e d'onde partem todas as ordens para os extinguir. Este posto central está ligado telegraphicamente com os onze quartéis. Igualmente se acha em communicação com a prefeitura da policia, com o deposito central das aguas, com a administração central dos telegraphos, com certo numero de depositos hippicos da companhia dos omnibus, etc. Esta organização, preparada durante muitos annos, só ficou concluida em dezembro de 1879.

## Correspondencia

GUIMARÃES 9 DE OUTUBRO DE 1880

(Do nosso correspondente)

Ha muito tempo que nada tenho dicto relativamente à companhia de incendios d'esta cidade, por não haver assumpto para isso, porém hoje cumpre-me relatar um incendio para o qual à meia noite e meia hora d'hontem deram as torres 11 badaladas, pedindo soccorro para a rua do Anjo, casa n.º 2, pertencente ao sr. João José d'Oliveira Cardoso, habitada pelo mesmo sr.. O fogo teve principio na chaminé e foi promptamente combatido, devido ao prompto comparecimento dos soccor-

ros. Houve pequeno prejuizo. A casa tinha seguro na Segurança. A bomba dos voluntarios foi a segunda que compareceu.

—A estação dos bombeiros voluntarios mudou-se para a rua de S. Domingos.

A. S.

Além do incendio narrado pelo nosso estimavel correspondente, consta-nos mais um principio d'incendio na rua da Torre Velha. A promptidão com que appareceram os bombeiros municipaes e voluntarios obstou a que o incendio progredisse.

## Incendios no Porto de 1 a 15 de outubro

7 de outubro — Às 3 horas da manhã. Predio que tinha para a rua da Esperança o n.º 2 e 4, para o largo de S. Pedro o n.º 8 e para a rua Armenia o n.º 220. Propriedade de Anthero Albano da Silveira Pinto, occupada por João Forte de Sá que alli tinha estabelecida uma padaria.

Cedemos a palavra ao nosso collega *O Primeiro de Janeiro* que minuciosamente narra o sinistro do seguinte modo:

O fogo teve principio junto do forno, por haverem caído umas brazas sobre uma porção de lenha e chaminé, na occasião em que se procedia à limpeza do mesmo forno e tomou tal incremento que dentro em poucos minutos lavrava pelos andares superiores, onde estava depositada grande porção de farinha e lenha, que deu ás chammas grande alimento.

A primeira bomba que compareceu foi a n.º 4, que procurou combater o incendio pela rua da Esperança, apesar do excessivo calor que ali fazia. A bomba n.º 3, que chegou em seguida, atacou o prédio pelo largo de S. Pedro.

Havia, porém, um ponto que offerecia grande perigo, era o lado da rua Armenia, a qual tem pouco mais de um metro de largura, e por onde o prédio estava ligado ás casas fronteiras mediante um passadiço, que se tornava urgente destruir.

Foi confiado esse trabalho à machina dos bombeiros voluntarios, os quaes combateram com duas agulhetas pela casa n.º 53 a 55 da praia de Miragaya, onde se acha estabelecida uma succursal da companhia União Popular Penhorista, e onde o sr. Gallo tem o seu atelier de instrumentos nauticos.

A bomba n.º 9 do Porto e a 1.ª de Villa Nova de Gaia atacaram o incendio pela rua Armenia, até que às 5 horas da manhã se conseguiu localisar o incendio no prédio em que se havia declarado.

Os bombeiros voluntarios receberam ordem de arrear as mangueiras, por terem já destruido o passadiço, e o sr. inspector considerar perigosa a permanencia dos bombeiros n'aquelle local. As bombas de Villa Nova de Gaya e a n.º 9 do Porto foram tambem mandadas retirar.

As bombas n.º 4 e 3 continuaram a combater o incendio pelo lado da rua da Esperança, e os voluntarios fiseram uso da bomba de mão para apagar as brazas que existiam nas trazeiras dos predios da praia de Miragaya, e que tinham entrado pelas janellas, produzindo sobresalto aos moradores.

Às 7 horas da manhã conhecendo o sr. inspector geral dos incendios o quanto seria prejudicial qualquer desabamento das paredes, se este se effectuasse para o lado da rua, pela pequena distancia que havia para os outros predios, fez prevenir os moradores, e ordenou que a bomba dos voluntarios e as municipaes n.ºs 4 e 3 empregassem o jacto da agua no madeiramento interior do predio incendiado, afim de vér se era possível dar ao desmoronamento uma direcção diversa. Uma pequena derrocada para o lado da rua da Esperança apanhou tres bombeiros, que felizmente nada soffreram.

Após tres quartos de hora de trabalho violento, conheceu-se que era improffico qualquer esforço, jamais porque a machina dos bombeiros voluntarios, que era a de mais alcance, tinha soffrido um desarranjo na camara d'ar, o que a impedia de proseguir nos trabalhos; por isso foi mandada retirar, bem como o respectivo carro de material.

As bombas n.º 3 e 4 ainda continuaram no rescaldo até ás 8 horas e meia, em que se retiraram, ficando estabelecidas sentinellas nas esquinas das ruas proximas para impedir a passagem, afim de evitar qualquer desgraça.

São dignos de louvor os serviços prestados pelas corporações dos incendios, que sob as ordens do sr. Eduardo Augusto Falcão, inspector geral, executaram todos os trabalhos, ainda os mais arriscados, para obstar a que o incendio se communicasse aos predios immediatos, o que todos julgavam inevitavel, não só pela pequenissima distancia a que se acham, como tambem pela natureza das construcções, que são na maior parte de madeira.

Houve alguns ferimentos, mas de pouca gravidade.

O serviço da agua tambem foi bem dirigido, não obstante ser preciso tirar-a do rio.

Os prejuizos são avaliados em 1:600\$000 reis.

12 de Outubro — Às 9 horas da noite. Rua das Tappas n.º 79 e 81. Predio occupado por João Forte de Sá que ali tem estabelecida uma padaria. O fogo declarou-se na fuligem da chaminé, limitando a pouco os seus prejuizos. Foi extinto pelos vizinhos.

A primeira bomba que comparecen foi a estacionada em S. João Novo, chegando em seguida o carro e bomba dos voluntarios. As torres fizeram o signal da circumscripção de S. Nicolau, o que achamos mal cabido.

O sr. Forte de Sá é o mesmo inquilino da casa incendiada no dia 7 do corrente.

## Incendios na provincia

No dia 1 do corrente pelas 7 horas da noite no lugar do Eiró, na freguezia de Duas Igrejas, concelho de Penafiel, um incendio destruiu seis casas de diferentes proprietarios.

\*  
\*  
\*

No dia 2 do corrente um incendio destruiu em Ervedosa do Douro a casa de habitação de Sebastiana Cerveira. A desgraçada, não só perdeu todos os seus

haveres, como uma filhinha d'um anno, que com uma irmão, tambem de tenra idade, tinham ficado sós em casa e que se suppõe terem sido os causadores do incendio. Um corajoso almoceve que ia de passagem na occasião arrancou ás chammassas desventuradas creanças, das quaes uma morreu em resultado das queimaduras recebidas.

Não se sabe o nome do benemerito almoceve, bem digno das benções com que o povo, que presenciou a sua bella acção, o acolheu.

Calcula-se em 1:000\$000 reis o prejuizo material.

\*  
\*  
\*

Tambem no dia 1 do corrente um incendio destruiu em Paredes de Coura todo o cartorio do escrivão de direito do primeiro officio d'aquella comarca, José Narciso Alves. A auctoridade procedia a averiguações, por haver suspeitas de que o incendio não fôra casual.

\*  
\*  
\*

Foi destruida por incendio a ermida de Santo Christo das Almas, na ilha de S. Jorge.

\*  
\*  
\*

No dia 3 do corrente, pelas 9 horas e meia da manhã, ardeu na freguezia de S. Cosme de Gondomar, no lugar do Miradouro, o predio em que estava estabelecido um deposito de carqueija, e que era conhecido por loja da Marianna.

Apesar dos soccorros prestados pelos vizinhos, nada se pôde salvar, ficando os inquilinos com algumas queimaduras.

## Incendios no estrangeiro

No dia 2 do corrente ás 10 horas da noite houve um incendio terrivel no pavilhão de Flora, incendio que quasi reduziu a cinzas a parte das Tulherias poupada pelos terrores da Communa.

Havia dezoito mezes que ali fôra estabelecida a prefeitura do Sena no corpo do edificio reedificado no tempo do imperio, e que servira de habitação ao joven principe que devia morrer alguns annos depois de morte tragica.

O fogo teve começo nos aposentos mesmo do prefeito, mr. Herald, o qual n'aquelle mesmo dia voltara de Vals, e se achava trabalhando no seu gabinete quando lhe annunciaram o sinistro. O fogo originado por uma luz demasiada, chegada a uma cortina, communicou-se com rapidez ao madeiramento, e em breve se manifestaram as chammassas pelas janellas com terrivel aspecto.

De todos os lados chegam os soccorros, uma multidão de cidadãos denodados juntam seus esforços aos das companhias de bombeiros e destacamentos da guarda republicana para circumscrever o fogo e assim salvar a sala dos estados, a bibliotheca do Louvre, e o

recinto dos museus, contendo incalculáveis riquezas, que com terror se veem ameaçadas.

Emfim, são coroados esses esforços; mas ainda assim, as perdas são enormes e calculadas, desde já, em 600.000 mil francos a destruição dos andares superiores e das riquíssimas mobílias que continham.

Mr. Herald perdeu toda a sua livreria particular, e ficaram inundados todos os livros da bibliotheca de Paris; a Flora, magnifico grupo de marmore, de Carpeaul, objecto dos maiores receios, foi felizmente poupado, bem que soffresse ligeiros estragos.

\*  
\* \*

O magnifico mercado de New-York, conhecido pelo nome de Mauhattan, foi devorado por um incendio.

\*  
\* \*

Um violento incendio destruiu ultimamente em Santander os edificios do café Suizo, do marquez de Casa Pombo e do Banco de Santander.

## Incendios mysteriosos

Um fabricante americano acaba de fazer a seguinte descoberta com os tubos de ferro para conducção de vapor, os quaes até agora se suppunha não serem susceptiveis de incendiar.

Havia collocado sob o solo e envolvido em madeira um tubo de duas e meia pollegadas de diametro e sujeito à pressão de 90 a 100 libras. Passados tempos, foi necessario remover o cano por causa de concertos no caminho que atravessava, sendo encontrada a capa de madeira quasi toda carbonizada interiormente e podre exteriormente. Em alguns pontos do interior havia cinza, o que prova exuberantemente a iguição.

Parece, portanto, provavel que se a capa de madeira estivesse em contacto com a atmospheria e não excluida por meio da camada de terra, teria levantado chamma e ardido completamente.

Eis ahí talvez descoberta uma das causas de muitos incendios mysteriosos, cuja origem tem sido impossivel averiguar.

Sirva de prevenção.

## Varias Noticias

Em Madrid acaba de estabelecer-se uma grande rede telephonica para rebate de incendios.

Foi concedida pela camara municipal á sociedade «Spanish American Telefon Company».

A experiencia official será levada a effeito um dia d'estes.

Na semana que findou em 9 do corrente a Camara municipal de Lisboa dispendeu com o seu serviço de incendios 220\$217 reis.

\*  
\* \*

O incendio da rua nova do Almada custou á mesma camara cerca de 2:000\$000 reis.

\*  
\* \*

A Real Associação Bombeiros Voluntarios do Porto fez segurar os seus haveres na companhia de seguros *Norwich Union*.

\*  
\* \*

Foram avaliados em 5:000\$000 reis os prejuizos causados no matadouro municipal de Lisboa pelo incendio que ali teve logar.

\*  
\* \*

Em sessão d'hontem da camara Municipal d'esta cidade foi presente um requerimento da junta de parochia da Victoria, dizendo que não ha toque de incendio para aquella freguezia, o que dá occasião a enganos que prejudicam os moradores. Pede por isso que na tabella dos toques de incendio se inclua aquella freguezia.

O sr. Correia de Barros fez algumas considerações a tal respeito, dizendo que ha muito tempo se tracta na respectiva repartição da reforma da tabella de toques de incendios, mas isso que não é tão facil como parece.

Acrescentou que os enganos são a maior parte das vezes devidos aos soldados e guardas civis encarregados de dar os respectivos signaes.

Terminou, propondo que aquelle requerimento e outros que apparecessem n'aquelle gosto fossem pelo sr. presidente enviados á inspectoría dos incendios.

## SANGUE FRIO

Na occasião em que Wallack, o celebre actor americano, representava o drama *O Lar*; e no momento em que na scena da expulsão, o pae o fazia abandonar a casa paterna por não o reconhecer como filho, um dos candelabros incendiou o cortinado da janella.

Os espectadores gritaram «fogo! olhe para traz!» e Wallack voltando-se, sem a menor commoção, arrancou o cortinado e extinguiu o incendio, acrescentando ao mesmo tempo para tranquilizar a audiéncia— «Bem, o pae expulsa-me, mas ao menos resta-me a consolação de lhe ter salvado a casa de um incendio!»

\*  
\* \*

A redacção do *Bombeiro Portuguez*, annuncia todas as publicações de que lhe for enviado um exemplar.

## Chronica quinzenal

O theatro Príncipe Real fez a *reprise* da adorável opereta de Lecoq, *A filha da Senhora Angot*. Vimol-a já, no theatro Baquet, muito bem posta em scena, muito bem representada e muito bem vestida. A empreza d'então caprichou em apresentar a peça rodeada dos esplendores possíveis em palcos portuguezes, e os artistas esforçaram-se por cantar consoante melhor podem as gargantas nacionaes.

Empreza, artistas e alfaiate, empenharam-se em realisar o seu intento, e conseguiram-o, cada qual na esphera das suas attribuições.

Tudo ajudou. Brazão, um artista que enobrece os nossos theatros, ensaiou a peça. Tinha-a visto em Paris, e marcou-a e afinou-a, aproximando-se tanto quanto pôde da marcação e afinação franceza.

A orchestra era dirigida por José Candido, um excellente maestro; faziam parte d'ella professores muito considerados, como Ribas, Gonzaga, Canedo, etc..

A tesoura prodigiosa de Cohen tallara os vestidos.

O scenario era novo, bem pintado, produzindo excellent effeito.

Etc..

Ora todos estes bons elementos reunidos contribuíram para que a opereta obtivesse um successo extraordinario, e fosse, durante alguns mezes, a peça da moda.

*A filha da Senhora Angot!* Quem não teria visto esta opereta, quem não cantaria um trecho, quem não citaria uma ou outra scena mais importante!

Annunciar-se uma recita com a *Angot* era obter-se a certeza que o theatro se enchia.

Um delirio.

E foi na *Angot*, que Josepha d'Oliveira, apreciada unicamente pela sua garganta... e pelo seu corpo, se revelou notavelmente, pelo modo distincto e correcto por que encarou o papel de Lange. Era um gosto vel-a, por que Josepha podia ver-se e ouvir-se. Cara bonita, insinuante, brejeira; voz clara, sonora e afinada.

Um bello dia, a *Angot* encurralou-se no archivo do theatro, e ninguem mais a tornou a ver.

Garraio quebrou-lhe agora o encanto, e se nem o Brazão a ensaiou, nem José Candido regé a orchestra, nem Cohen tallou os fatos, nem Josepha faz a Lange, é certo que a opereta está razoavelmente posta em scena, e é digna de ver-se, e de applaudir-se.

Josepha foi substituida por Manzoni, uma gentil italiana, athletica, como uma matrona romana, e com todas as linhas apuradas d'uma estatua correctá.

Manzoni não substituiu mal sua antecessora, por outra, Josepha deve estar contente com a substituição.

Nós não somos dos que victoriamos os presentes, pelo motivo... de os termos presentes. Note-se esta circumstancia. Manzoni, é uma artista intelligente, distincta, mas na *Angot* não supplantou Josepha. Quem diz isto, engana-se a si proprio.

Creemos que a sympathica cantora não tem a presumpção de metter as suas collegas a um canto; reconhecemos-lhe mais bom senso e o criterio preciso para não se considerar unica no seu genero.

Josepha comprehendeu perfectamente o typo da

seductora mulher, que era peccadora adorada, e espirito superior que movia adorações. Deu-lhe um colorido especial, d'artista que tem o poder da intuição.

Manzoni, posto que se approximasse muito, não chegou lá. Seja porque a sua pronuncia italianada prejudica a pureza da dicção, e não consente que dê às phrases a intenção que ellas requerem; seja por que a sua pouca pratica em theatros de declamação a não habilitem a interpretar, com rigor, um personagem qualquer, o certo é que não poudeser uma Lange completa, uma Lange *comme il faut*.

Não quer isto dizer que fosse mal, que o seu trabalho seja insignificante, que não mereça os applausos do publico, que andasse sem arte, sem correção, sem saber o que fazia e o que dizia. Ao contrario. Houvesse perfectamente, melhor do que era licito esperar de quem ha muito pouco tempo se acha nos theatros portuguezes... fallando ainda a sua lingua patria, que apesar de harmoniosa e suave e meiga... é estrangeira!

Manzoni tem até uma figura que a auxilia muito: alta, esbelta, bem talhada, com uma grande correção de formas. Apresenta-se bem, e canta com methodo, o que poucos dos nossos artistas são capazes de fazer. Poucos?... Talvez nenhum.

Com o tempo — que é o melhor mestre — ha-de aprender o que ainda ignora, perder os vicios de dicção, aportunizar-se emfim, e então podemos ter a certeza de que ella desertará do Porto, para escripturar-se em outro theatro, onde mais lucros obtenha, e onde esteja mais à sua vontade.

Se não fossem os defeitos que deixamos apontados, Palha, o rei dos empresarios de theatro, não a deixava sahir da Trindade. Com certeza que não deixava.

Pondo ponto n'esta divagação fallaremos da opereta.

Irene Manzoni apresentou se bem, com uma toilette deslumbrante, escarlate com franjas d'ouro e prata, tentadoramente calçada, com uns decotes provocadores, uma cabelleira fascinante, e umas luvas *gris perle*, de doze botões, ou mais, apertadas no pulso por uma bonita pulseira de ouro, com lavrados primorosos.

Alta, elegante, formosa, assim vestida, e assim calçada, fazia...

Ora, não diremos o que ella fazia. Limitamo-nos a asseverar que os binocolos se assestavam sobre ella insistentemente, e que mais de um espectador, depois de a olhar, mexia-se na cadeira, inquieto, como se algum incommodo repentino o assaltasse.

O seu typo não se presta a requebros voluptuosos, que são para endoudecer os que os presenciam. Josepha, mais elegante, menos fornida de carnes, apresentava-se langorosa e sensual, deixando traduzir nas suas palavras a luxuria que a dominava.

Tambem Manzoni, mais recatada, teve cuidados exemplares com a sua costureira, não querendo, ao que parece, que o vestido, na sua abertura ao lado esquerdo, deixasse ver muito a perna esculptural de que é legitima proprietaria. Esculptural, diremos, porque não pode ser que a gentil artista tenha uma perna vulgar, magra e torta, como as das senhoras coristas!

Na parte artistica, satisfz. Canta excellentemente. (N'este ponto leva vantagens à sua antecessora.) Todos os trechos cantou-os muito bem, arrancando entusiasticos applausos à plateia. Na parte dramatica, houve-se com escrupulo.

Wannimely substituiu Portugal. Quer-nos parecer que um e outro nem *de vista* conheciam o revolucionario Pitou. Emfim, se Wannimely não vae bem, Portugal tambem não foi melhor. Que isto sirva de consolação a um e outro.

Os outros artistas que entram na opereta, são os mesmos que outr'ora a desempenharam. São elles Amelia Garraio, Gama, Foito e Firmino.

Delmira Mendes, uma creança muito galante e muito intelligente, desempenhou com acerto o papel de Amaranthe, e Carmen apresentou um Trenitz seductor.

O guarda roupa é aceiado, mas sem gosto algum. O scenario é bom, bem pintado, produzindo excellente effeito.

E temos dito sobre este assumpto.

\*

\* \* \*

O theatro Baquet abriu as suas portas, com o drama *A tomada da Bastilha*, uma peça velha, mas propria para mover enthusiasmos.

O desempenho confiado aos actores José Ricardo, Apolinario, Cardozo e Pestana, e ás actrizes Emilia Eduarda, Azevedo e Gasparinho, é regular, devendo destacar-se José Ricardo, cujos progressos artisticos são consideraveis. O talentoso actor, encarregado d'um papel importantissimo, desempenha-o com muita intelligencia.

A companhia tal qual se acha não pode representar peças de grande responsabilidade. Reforçada com mais dois ou tres actores, pôde aventurar-se a pôr em scena as producções mais espectaculasas que abundam nos catalogos dos editores mais conhecidos, uma vez que quer fugir da opereta, e não quer representar dramas de sala com receio de ver a casa vasia!

\*

\* \* \*

O theatro de Variedades abre brevemente com uma peça militar, cheia de sensações que reserva cuidadosamente para offerecer ao publico.

O publico deve esta fineza aos empresarios d'esta casa d'espectaculos.

E como de theatros só temos fallado, que caia o panno sobre esta massada.

Porto-11-10-80.

*Nilil.*

**Correspondencia recebida na administração  
d'este periodico de 1 a 15 do corrente**

*Marco de Canavezes.*—Em 1 d'outubro. Do sr. visconde d'Ariz.

*Lamego.*—Em 2 d'outubro. Do sr. Francisco José Teixeira Fafe.

*Lisboa.*—Em 5 d'outubro. Da redacção e administração do *Diario Civilisador*.

*Lamego.*—Em 10 d'outubro. Do nosso correspondente.

A redacção d'este periodico agradece a distincção com que foi honrada pelos seus collegas *Antonio Maria, Viriato, Diario do Commercio, Diario Illustrado, Jornal de Vizeu, Diario de Lisboa, Noticias do Algarve e Diario Civilisador*.

## A VOLTA DO MUNDO

NOVO JORNAL DE VIAGENS

ILLUSTRADO COM MILHARES DE GRAVURAS

Acha-se aberta a assignatura para esta importante publicação na SUCCURSAL GERAL DA EMPRESA NO NORTE DO REINO — *Imprensa Occidental*, rua da Fabrica, 66, Porto e em todas as livrarias.

### AGENCIA LITTERARIA

### LUSO-BRASILEIRA

DE

A. DE SOUSA PINTO

RUA DA PRATA, 198, 2.º

LISBOA

Commissão e exportação para Portugal, ilhas e Brazil.

Encarega-se de mandar vir qualquer encomenda de livros de Hespanha, França, Italia, Inglaterra, etc. Sêde da **VOLTA DO MUNDO**, novo Jornal de Viagens.

Correspondente da illustracion espanola y americana e Moda Elegante, de Madrid.

Antonio Augusto de Oliveira

## ALMANACH PORTUENSE

PARA 1881—20.º ANNO

Publicado pelos successores

Começou a distribuir-se e encontra-se á venda:  
Na Livraria Academica—rua do Almada, 211—na de L. J. d'Oliveira & C.<sup>a</sup>—rua de Santo Antonio, 49, e nas principaes livrarias d'esta cidade.

Porto—Typ. Occidental, rua da Fabrica, 66.